

# Giuliano Campioni e a arte de ler Nietzsche\*

Sergio Sánchez\*\*

**Resumo:** Para apresentar a leitura de Giuliano Campioni, destacam-se aqui dois aspectos centrais de seus trabalhos sobre Nietzsche: em primeiro lugar, a perspectiva de leitura filológica. Em segundo lugar, os resultados específicos alcançados por essa leitura de Nietzsche, resultados esses que contribuíram para o estabelecimento do perfil do Nietzsche histórico, colocando em crise aspectos-chave das imagens mais difundidas do filósofo.  
**Palavras-chave:** interpretação – filologia – filosofia

*(...) um leitor como eu o mereço, que me leia como os bons filólogos de outrora liam o seu Horácio (EH/EH, “Por que escrevo tão bons livros”, §5)<sup>1</sup>.*

Para apresentar Giuliano Campioni aos leitores de língua portuguesa e, de forma mais geral, aos leitores da América Latina, talvez seja útil destacar dois aspectos centrais de seus trabalhos sobre Nietzsche: em primeiro lugar, uma perspectiva de leitura que, embora possua grande relevo no âmbito da *Nietzsche-Forschung* [pesquisa Nietzsche] internacional, ainda constitui para nós uma novidade, um território ainda a se descobrir. Em segundo lugar, os resultados específicos alcançados por essa leitura de Nietzsche, resultados es-

\* Tradução: André Luís Mota Itaparica.

\*\* Professor da Universidade Nacional de Córdoba (Argentina).

ses que contribuíram para o estabelecimento do perfil do Nietzsche histórico, colocando em crise aspectos-chave das imagens mais difundidas do filósofo.

### 1. *A perspectiva de leitura*

Em uma página de *Aurora*, Nietzsche solicitou explicitamente que seus textos fossem lidos em chave filológica, caracterizando tal leitura em termos de uma arte e de uma disciplina que deviam obrigatoriamente desesperar os leitores apressados, leitores modernos de uma época “que se lê em demasia” e na qual, como nos é dito no *Zaratustra*, “o espírito se converteu em um jogo de palavras”, rebaixando a escrita à sua forma jornalística.

*(...) ambos somos amigos do lento, tanto eu como meu livro. Não fui filólogo em vão, talvez o seja ainda, isto é, um professor da lenta leitura: – afinal, também escrevemos lentamente. Agora não faz parte apenas de meus hábitos, é também de meu gosto – um gosto maldoso, talvez? – nada mais escrever que não leve ao desespero todo tipo de gente que “tem pressa”. Pois filologia é a arte venerável que exige de seus cultores uma coisa acima de tudo: pôr-se de lado, dar-se tempo, ficar silencioso, ficar lento – como uma ourivesaria e saber da palavra, que tem trabalho sutil e cuidadoso a realizar, e nada consegue se não for lento. (...) ela ensina a ler bem, ou seja, lenta e profundamente (...). Meus pacientes amigos, este livro deseja apenas leitores e filólogos perfeitos: aprendam a ler-me bem! –” (M/A, Prefácio, § 5)<sup>2</sup>.*

Se há uma tradição de leitura de Nietzsche que levou a sério e em todo seu inequívoco alcance essa exigência do filósofo alemão, essa é a tradição italiana, que tem em Mazzino Montinari seu mestre e iniciador e da qual Giuliano Campioni é hoje o mais destacado

expoente<sup>3</sup>. Como se sabe, os estudiosos de Nietzsche devem ao labor de Montinari e de seu amigo Giorgio Colli uma contribuição da maior magnitude: a *Edição Crítica*, que revolucionou a base filológica e os parâmetros de interpretação dos textos de Nietzsche, ao ponto de tornar caducas a maior parte das reconstruções sistemáticas da primeira metade do século XX. Contudo, a contribuição dessa tradição ao conhecimento de Nietzsche não se reduziu ao caráter meramente “filológico e editorial” – como estranhamente sugeriu um intérprete *à la mode* –, de modo que não se pudesse encontrar em suas produções uma “imagem filosófica” de Nietzsche com plenos diretos e relevância teórica no espectro das interpretações contemporâneas da obra do filósofo.

A leitura “filológica”, tal como o próprio Nietzsche a entendia e como essa tradição a desenvolve e pratica, está longe de ser “meramente” filológica, e mais ainda de excluir a “interpretação filosófica”, que é concebida em íntima relação de complementaridade com a história. Naquele momento, Montinari veio de encontro a posições que pretendiam legitimar um suposto trabalho “filosófico-teórico” de leitura apartado do trabalho “filológico”, assinalando que a perspectiva filológica não podia ser senão uma perspectiva histórica (não *historicista*). Com isso, ele defendeu um ponto de vista que assumiu aquele “sentido histórico” cuja carência Nietzsche reprovava nos filósofos, dados a ler obras e fatos *sub specie aeternitatis*.

Montinari falava de verdadeiras “partenogêneses”, ao caracterizar interpretações aistóricas que evitam pensar a partir do terreno dos fatos e que “não fazem mais do que sempre tecer uma discutível trama de filosofemas sem nenhuma referência concreta à vida intelectual real de Nietzsche”<sup>4</sup>. Nesse sentido, entendia que “o trabalho histórico sem compreensão filosófica é cego, o pensamento filosófico sem conteúdo histórico é vazio”<sup>5</sup>. Ler Nietzsche segundo essas premissas exige “ampliar ao máximo a própria capacidade de assimilação crítica de seus pensamentos, conseguir inclusive não

sobrepor nossas preocupações às dele, mas sim, antes, levar as dele corretamente às nossas, graças à extensão de nosso sentido para a história: partir de Nietzsche até nós”<sup>6</sup>.

Produtos de uma laboriosa investigação ligada a tais pressupostos, os livros publicados por Campioni não são, portanto, trabalhos que oferecem ao leitor novos estímulos e motivos para despertar e manter viva a devoção acrítica diante da figura e da obra de Nietzsche, como ainda é freqüente. Campioni busca possibilitar que emerja, em toda sua complexidade, o vasto mundo cultural com que Nietzsche discute, e ao qual, de maneira original, reage em termos de uma dupla relação de assimilação e rechaço: relação complexa, estratificada em vários níveis, cuja marca se faz sentir no texto de Nietzsche, exigindo que a atenção do intérprete se dirija ao extratexto (o mundo de leituras do filósofo, o “caldo cultural” em que ele esteve imerso), como operação inevitável para compreendê-lo plenamente.

Trazer à luz a trama de tais relações entre o texto e o extratexto, com o conseqüente efeito de contraste que se cria entre ambos, não significa, nas palavras de Campioni “reduzir o texto a outros fatores que lhe são externos, dissolvendo-o em uma simples rede de remissões ou de influências, mas sim, ao contrário, conferir-lhe a espessura específica que lhe é própria, logrando de tal modo lê-lo na profundidade histórica que lhe corresponde”<sup>7</sup>.

Essa leitura atenta à minuciosa documentação das fontes de Nietzsche não nega a originalidade do filósofo alemão, mas sim, desmentindo e transcendendo o “conceito filisteu de originalidade” – mistificação propícia às mitificações –, busca “sair de Nietzsche como indivíduo” para restituí-lo “como parte da história”<sup>8</sup>, operação que pressupõe a plena consciência de que seu pensamento não nasceu de iluminações geniais imprevistas; pelo contrário, é um fruto maturado na investigação paciente e ao calor da constante confrontação crítica com sua época.

Enfim, diria que a perspectiva de leitura histórico-filológica praticada por Campioni é uma perspectiva temperada pela vontade de maior respeito ao texto de Nietzsche. Um respeito não fetichista, que, reconhecendo sua alteridade, é refratário a toda simplificação, tantas vezes produzida por uma assimilação que faz o texto virar parte de nossas preocupações, despojando-o de sua singularidade histórica, apagando a complexidade de seu caráter aberto e de sua relação constitutiva com o texto plural da cultura do século XIX.

Esse respeito é conseqüência imediata da vontade primária e confessa de *compreender* Nietzsche e de assumir todas as tarefas necessárias para tal fim. Perspectiva histórica e não atualizadora, filológica e não ideológica, na qual a cautela adota a forma de uma dupla desconfiança: desconfiança, primeiro, para consigo mesmo como leitor situado em um presente que não é o do texto que se lê – consciência, pois, do caráter *diferenciado* da leitura que se pratica – e desconfiança, portanto, para com o texto mesmo, na medida em que o seu sentido nunca é imediato, nunca diz o que à primeira vista parece dizer e que uma leitura desprevenida ou apressada pode confundir e deixar escapar.

Juan José Saer expressou com precisão o caráter desse respeito presente nos grandes filólogos do passado e que vive hoje nos herdeiros de Montinari, “(...) o escrúpulo dos maiores filólogos em estabelecer a realidade textual”, diz, “não se devia somente a uma simples curiosidade histórica ou a uma mania de erudito, mas sim a seu respeito pelo sentido. *O amor pela palavra não é outra coisa que o amor pela verdade*”<sup>9</sup>.

## 2. Os resultados

Há tempos se pode verificar que o resultado mais evidente da investigação de Campioni – resultado que se foi incrementando e

consolidando no curso de seu trabalho – é a redefinição, em uma óptica histórico-filológica, do pensamento de Nietzsche e de sua posição na história da filosofia e da cultura. Isso põe radicalmente em crise as imagens majoritariamente difundidas do filósofo e de sua obra, frutos de leituras de uma maneira ou outra instrumentais, ou prioritariamente comprometidas em oferecer material para o consumo ideológico imediato. Resultam particularmente ilustrativos disso seus trabalhos mais recentes – em especial *Nietzsche y el espíritu latino*, no qual confluem e se articulam os resultados de longos anos de investigação –, destinados a mostrar a falsidade essencial da imagem do filósofo como representante típico do espírito germânico e antilatino. Nietzsche foi entendido largamente assim, ao ser alocado em um esquema estereotipado em que se contrapõem o *espírito latino*, caracterizado pela clareza e pela análise, cujo representante emblemático é o “racionalista” Descartes, e o *espírito germânico*, caracterizado pelo misticismo e por um peculiar “sentimento de devir” que se confunde com o “caráter” e o “ser alemão”, tornando-o essencialmente “contraditório” e “incalculável” (segundo a caracterização de Bertram, em quem a germanização de Nietzsche alcança uma expressão nítida e paradigmática)<sup>10</sup>.

Essa caracterização de Nietzsche como “fenômeno especificamente alemão”, acentuada nas leituras dos dois lados do Reno no forjamento dos nacionalismos exacerbados pela Guerra Mundial, encontra certa justificação textual no Nietzsche wagneriano de *O nascimento da tragédia*, no qual ele sonha com a ressurreição dionisíaca da Antiguidade grega por meio da música do *maestro*<sup>11</sup> – “idealista germânico” e antifrancês –, chamada a “regenerar” a cultura alemã. Atento às mudanças e à evolução do pensamento de Nietzsche em relação a sua vida intelectual concreta, Campioni identifica a base dessa leitura em um equívoco, ainda hoje recorrente nas interpretações de Nietzsche, que Montinari qualificava de “*insopportabile*”, a saber, o equívoco “que tende a minimizar a virada

representada por *Humano, demasiado humano* na obra de Nietzsche e o desenvolvimento de sua filosofia”<sup>12</sup>. Com efeito, essa virada implica a separação e o abandono definitivos da ideologia romântica germânica do Wagner antilatino e de toda garantia metafísica até então postulada à sombra de Schopenhauer. A partir dessa obra (e já desde 1876, se se seguem os póstumos), a opção de Nietzsche está determinada, radicalmente e sem concessões, pela “paixão do conhecimento” que “implica a destruição de todos os mitos, todos os ideais, toda fonte privilegiada de conhecimento (do gênio, do santo, do artista) e toda intuição metafísica ou mística”<sup>13</sup>. Campioni mostra claramente como o caminho do “espírito livre” que agora Nietzsche empreende é, ao mesmo tempo, em boa parte, o “caminho a Cosmópolis”, o caminho que se afasta do “lamaçal de Bayreuth” até do céu aberto do *midi* e da *clarté* da melhor tradição francesa de análise, tutelados pelas figuras emblemáticas de Descartes e Stendhal, nos quais encontra o modelo e as chaves para uma práxis filosófica liberada de toda hipoteca mítica e ideológica.

Já em seu primeiro livro, escrito em colaboração com Sandro Barbera, Campioni dedicava especial atenção à figura de Renan como o pólo oposto de Nietzsche, no centro de uma constelação de autores entre os quais se sobressaem também outros franceses, como Taine, Stendhal, Bourget, os quais o filósofo alemão havia lido atentamente seguindo sua vontade de traçar um mapa da decadência e de seus tipos psicológicos. Mais tarde, em *Sulla strada di Nietzsche*, debruçava-se sobre as leituras francesas do filósofo (especialmente no último capítulo, dedicado à relação entre “fisiologia da arte” e a *décadence*), somando, aos anteriormente mencionados, novos nomes de parisienses: Balzac, os Goncourt, Brunetière, Fouillée, Desprez, Ribot, etc. e oferecia em apêndice uma contribuição à *Quellenforschung* [pesquisa de fontes] ligada ao trabalho de edição do Catálogo da biblioteca póstuma de Nietzsche, constituída quase toda por textos franceses. Confirmava assim o elenco de referências assina-

lado inicialmente por Montinari como prioritário na investigação sobre Nietzsche<sup>14</sup> e dava os primeiros passos decididos pelo caminho do estudo daqueles que Montinari havia considerado “os verdadeiros interlocutores” do filósofo: “todos de Paris, nunca alemães”<sup>15</sup>.

Desse modo, ganha progressivamente força e nitidez, na investigação de Campioni, a centralidade que a cultura francesa tem para a formação do pensamento de Nietzsche, especialmente a partir de 1883, ano em que descobre os *Essais de psychologie contemporaine* de Bourget. Assim, Campioni dedica sucessivos trabalhos à identificação e à pesquisa minuciosa da trama francesa e, mais genericamente, “latina” das obras do filósofo. Os resultados de tais trabalhos, enriquecidos e ampliados consideravelmente, confluem e se articulam em *Nietzsche e el espíritu latino*, obra por meio da qual se pode avaliar quanto o pensamento do filósofo deve a esse filão da cultura européia, no qual, a seus olhos, se conjugam a superabundância de força e a energia vital implicada nos valores do Renascimento italiano e o caos incandescente que é a Paris da decadência, verdadeiro laboratório experimental de novos valores e formas de vida, que dá à luz “indivíduos híbridos, estranhos aos furores nacionalistas”, que prefiguram o novo europeu. Desse modo, ao lançar luz sobre a centralidade dessa trama francesa e latina do texto de Nietzsche, chamando atenção para a grande simpatia que ele expressa pela multiforme França *fin de siècle* e o Renascimento italiano, Campioni dissolve a persistente simplificação ideológica que supõe um Nietzsche germânico antilatino; com isso, permanece fiel à orientação fundamental da tradição de leitura de Montinari e ao objetivo básico com que contribuiu a *Edição Crítica*: a saber, não a desnazificação de Nietzsche – que não foi nem a principal nem, muito menos, a exclusiva finalidade desse empreendimento, como surpreendentemente sugere Vattimo<sup>16</sup> –, mas sim sua liberação das múltiplas e recorrentes falsificações de que havia sido objeto, entre



as quais se conta, certamente uma das mais vulgares e nefastas, a realizada por Baeumler e seus seguidores.

A apaixonada atenção que Nietzsche dedica ao Renascimento italiano, oposto do Renascimento alemão de cunho wagneriano, leva-o a apreciar suas naturezas mais fortes, entre as quais se destaca a grande figura de Leonardo, com sua rara capacidade de conter em si uma vasta pluralidade de forças sem sufocar suas diferenças mediante a imposição tirânica de uma forma rígida e monolítica. Esta e outras figuras renascentistas, vistas inicialmente a partir da óptica de Burckhardt e logo integradas em um marco de referências francesas, oferecem-lhe exemplos da complexidade e do caráter múltiplo de uma cultura superior, preparando a exploração “em filigrana” dos movimentos e contradições da alma moderna que encontrará nos “psicólogos” franceses Bourget, Taine e Stendhal, nas obras de refinadas sensibilidades como Baudelaire, ou nas de espíritos estragados pela crise da morte de Deus, vontades enfraquecidas e enfermas, que não sabem fazer frente às mil formas que assume a decomposição da decadência senão pela reabilitação de velhas crenças e rígidas ideologias, receitando narcóticos e impondo os meios tirânicos mais exasperados, como é o caso de Renan, a quem Nietzsche julga como seu antípoda<sup>17</sup>.

Campioni põe em evidência como os indivíduos decadentes que tanto atraem a atenção de Nietzsche possuem mais de uma qualidade que ele valora positivamente. Os *homens superiores* que Zaratustra encontra em seu caminho são todos eles indivíduos formidáveis que não acharam, entre seus contemporâneos, as condições de sua existência. Nietzsche admira esta veracidade e esse *não saber viver* deles; porém, na óptica do filósofo, falta-lhes uma coisa: falta-lhes a força no grau em que é veracidade límpida e decisão de comprometer-se radicalmente com o rechaço aos ídolos protetores da metafísica. O *leitmotiv* onipresente na crítica que Nietzsche faz a mui-

tos de seus contemporâneos decadentes assinala a inconseqüência destes, inconseqüência que revela debilidade, auto-engano, má-fé, etc., já que implica a cisão entre um conhecimento que deslegitima todo ideal e uma vontade que continua, no entanto, perseguindo ideais, afetivamente ligada que está às mesmas instâncias que a reflexão crítica esvaziou de toda sustentação argumentativa. Um caso particular dessa cisão “sacrificial” é sublinhado por Campioni nas páginas dedicadas a mostrar a falsidade da imagem de Nietzsche como defensor de uma “moral heróica” que só por matizes diferiria das posições de Carlyle (paradigmáticas para tantos românticos). A partir de *Humano, demasiado humano* e em passagens centrais de seus escritos da maturidade, em consonância com o “acontecimento” da morte de Deus, trata-se, para Nietzsche, de “experimentar perigosamente novas formas de vida, distantes da falsa segurança metafísica do ‘herói’ idealista de Carlyle, que, segundo sua fé, ‘caminha com Deus’ e expressa a divindade do mundo”<sup>18</sup>. A moral heróica aparece a seus olhos como uma “moral de animais de sacrifício” em que o entusiasmo da vítima nasce do sentimento de unidade com um “ser poderoso, seja este um Deus ou um homem” ao qual ela é consagrada. O primado do heroísmo é portanto incompatível com o declínio das convicções e das garantias metafísicas e teológicas. Insistir em sua validade e vigência, como faz Carlyle, cedendo apenas à “certeza subjetiva” de caráter religioso, inimiga da busca da verdade e do “ceticismo viril” que Nietzsche valora como signo de honestidade, não é convincente senão como sintoma da falta de fé, da debilidade moderna que se expressa em uma “contínua e apaixonada desonestidade para consigo mesmo”; em todo o caso, uma forma de impotência, a impossibilidade de um viver livre: livre inclusive das “sombas” do deus morto.

Seguindo minuciosamente a complexa trama das leituras do filósofo, Campioni põe em relevo o caráter aberto e experimental do pensamento de Nietzsche, um pensamento dominado pela tensão

constante que é produzida pela vontade de ser fiel à complexidade e à riqueza infinitas do mundo e da vida em devir, evitando fixá-los nas rígidas malhas do sistema e da ideologia. Estes, caros a nossa necessidade de segurança e consolo, são contrários às exigências da *Leidenschaft der Erkenntnis* [paixão do conhecimento], que Nietzsche identifica com a *Leidenschaft der Redlichkeit* [paixão da probidade]: vontade de “ser probo até a dureza nas coisas do espírito”<sup>19</sup>, decisão de “aliar-se com a honestidade contra si mesmo”<sup>20</sup>, que terminará por conceder o primado da busca sobre os resultados, fazendo da filosofia um exercício de constante *skepsis* que obstaculiza e apaga, na obra madura do filósofo, a definitiva concreção de uma *pars construens* [parte construtiva].

Não é minha intenção repetir aqui, em poucas linhas, os resultados que Campioni expõe em suas análises. Tais resultados – dos quais o leitor encontrará em “Friedrich Nietzsche: paixão e crítica da moral heróica” uma mostra eloqüente –, ricos em descobertas que abrem um vasto horizonte para a compreensão do pensamento de Nietzsche, requerem por sua vez uma leitura paciente, felizmente não impedida por nenhum dos jargões que são freqüentes em muita literatura filosófica atual. Basta assinalar, para concluir, que uma peculiar síntese de erudição e probidade filológicas, uma finura na análise filosófica e um atento sentido histórico fazem dos textos de Campioni contribuições de inestimável valor para o conhecimento de Nietzsche.

**Abstract:** In order to introduce the reading of Giuliano Campioni, two aspects of his work about Nietzsche are stressed here: firstly, the perspective of a philological reading. Secondly, the specific results obtained by such reading, which contributed to establish the knowledge of the portrait of historical Nietzsche, putting into question key aspects of the diffused image of the philosopher.

**Keywords:** interpretation – philology – philosophy

## notas

- <sup>1</sup> Tradução de Paulo César de Souza (São Paulo: Companhia das Letras, 1995) (NT).
- <sup>2</sup> Tradução de Paulo César de Souza (São Paulo: Companhia das Letras, 2004) (NT).
- <sup>3</sup> As contribuições de Campioni à *Nietzsche-Forschung* são tão importantes quanto variadas, já que não apenas abarcam o campo de suas publicações, mas também o da promoção do estudo do pensamento do filósofo e da cultura européia do século XIX. Entre as primeiras, além de numerosos artigos publicados nos *Nietzsche Studien*, dos quais é um colaborador permanente, e em distintas revistas especializadas da Itália e da Europa, contam-se os seguintes volumes: *El genio tiranno*. Milão: Franco Angelli, 1983 (em co-autoria com Sandro Barbera); *Sulla strada di Nietzsche*. Pisa: ETS, 1992; *La "biblioteca ideale" di Nietzsche*. Nápoles: Guida, 1992 (Edição de trabalhos histórico-filológicos de diversos autores, realizada conjuntamente com Aldo Venturelli); *Leggere Nietzsche. Alle origini della Edizione critica*. Pisa: ETS, 1992; *Le lectures françaises de Nietzsche*. Paris: PUF, 2001; *Nietzsche y el espíritu latino*. Buenos Aires: El cuenco de plata, 2004. No sentido da promoção do estudo das obras do filósofo alemão, cabe destacar a edição crítica (Colli-Montinari) das *Obras* e das *Cartas* de Nietzsche em italiano (atualmente em curso com a reedição dos fragmentos póstumos com aparato crítico revisado e ampliado) e a direção do projeto da *persönliche Bibliothek*, que culminou na publicação do catálogo completo da biblioteca pessoal do filósofo (*Nietzsches persönliche Bibliothek*, herausgegeben von Giuliano Campioni, Paolo D'Iorio, Maria Cristina Fornari, Francesco Fronterotta und Andrea Orsucci, unter Mitarbeit von Renate Müller-Buck.

Berlim/Nova Iorque: Walter de Gruyter, 2003). Como parte de um trabalho mais geral, sustentado no âmbito de diversas universidades e instituições italianas, são relevantes a criação em 2002 do *Centro interdipartimentale “Colli-Montinari” di studi su Nietzsche e la cultura europea*, com sede da Universidade de Lecce (Itália), a direção do *Gruppo di Ricerca Interuniversitario Nazionale*, que desenvolve o projeto “Il lascito di Schopenhauer e di Nietzsche: testi d’archivio, edizioni a stampa e digitali, la biblioteca póstuma” com participação de quatro universidades italianas, e a direção, junto a Sandro Barbera e Franco Volpi, da coleção “Nietzscheana” publicada pela editora ETS de Pisa, que reúne investigações especialmente de jovens estudiosos.

- <sup>4</sup> Montinari, Mazzino. *Nietzsche*. Roma: Editori Riuniti, 1996, p. 59.
- <sup>5</sup> Texto inédito citado por Campioni em: Campioni, Giuliano. *Leggere Nietzsche, op. cit.*, p. 148.
- <sup>6</sup> Montinari, Mazzino. *Nietzsche, op. cit.*, p. VII e 88-9.
- <sup>7</sup> Campioni, Giuliano e Venturelli, Aldo. *La “biblioteca ideale” di Nietzsche, op. cit.*, p. 10.
- <sup>8</sup> Campioni, Giuliano. *Leggere Nietzsche, op. cit.*, p. 127.
- <sup>9</sup> Saer, Juan José. “Retrato del artista filólogo”. Conferência lida na inauguração da *Exposición Archivos 1971-2002*, no Museu de Arte Rainha Sofia, Espanha, 2002.
- <sup>10</sup> Bertram, Ernst. *Nietzsche. Versuch einer Mythologie*. Bonn, 1965.
- <sup>11</sup> Em espanhol, *maestro* significa tanto regente quanto mestre. Mantivemos a palavra em espanhol justamente pela ambigüidade que ela suscita no caso de Wagner, músico e mestre de Nietzsche (NT).

- <sup>12</sup> Montinari,azzino. “Nietzsche contra Wagner: estate 1878”. In: *Belfagor*, XXXIX, 1984, p. 1.
- <sup>13</sup> *Idem.*
- <sup>14</sup> Cf. Montinari,azzino. “Compiti della ricerca nietzscheana oggi: il confronto di Nietzsche con la letteratura francese del XIX secolo” in: Campioni, Giuliano e Venturelli, Aldo. *La “biblioteca ideale” di Nietzsche*, *op. cit.*, pp. 269-282.
- <sup>15</sup> Montinari,azzino. “Prefazione” a Campioni, Giuliano e Barbera, Sandro. *Il genio tiranno*, *op. cit.*, p. 14.
- <sup>16</sup> Vattimo, Gianni. “Il Nietzsche “italiano” in: *Dialogo con Nietzsche, Saggi 1961-2000*. Milão: Garzanti, p. 274.
- <sup>17</sup> JGB/BM § 48, *KSA*, 5, p. 70.
- <sup>18</sup> *Nietzsche y el espíritu latino*, *op. cit.*, p. 220. Mas veja-se sobretudo a contribuição do autor neste volume dos *cadernos Nietzsche*.
- <sup>19</sup> AC/AC, “Prefácio”, *KSA*, 6, p. 167.
- <sup>20</sup> IX, 7 [53], *KSA*, 9, p. 328.

## referências bibliográficas

1. BERTRAM, E. *Nietzsche. Versuch einer Mythologie*. Bonn, 1965.
2. CAMPIONI, G. & BARBERA, S. *El genio tiranno*. Milão: Franco Angelli, 1983.
3. CAMPIONI, G. & VENTURELLI, A. *La “biblioteca ideale” di Nietzsche*. Nápoles: Guida, 1992.
4. CAMPIONI, G. *Sulla strada di Nietzsche*. Pisa: ETS, 1992.

5. CAMPIONI, G. *Leggere Nietzsche. Alle origini della Edizione critica*. Pisa: ETS, 1992.
6. \_\_\_\_\_. *Le lectures françaises de Nietzsche*. Paris: PUF, 2001.
7. \_\_\_\_\_. *Nietzsche y el espíritu latino*. Buenos Aires: El cuenco de plata, 2004.
8. MONTINARI, M. *Nietzsche*. Roma: Editori Riuniti, 1996.
9. \_\_\_\_\_. “Nietzsche contra Wagner: estate 1878”. In: *Belfagor*, XXXIX, 1984.
10. NIETZSCHE, F. *Ecce homo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
11. \_\_\_\_\_. *Aurora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
12. *Nietzsches persönliche Bibliothek*, herausgegeben von Giuliano Campioni, Paolo D’Iorio, Maria Cristina Fornari, Francesco Fronterotta und Andrea Orsucci, unter Mitarbeit von Renate Müller-Buck. Berlim/Nova Iorque: Walter de Gruyter, 2003.
13. NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Berlim/Munich: Walter de Gruyter/dtv, 1988.
14. SAER, J. J. “Retrato del artista filólogo”. Conferência lida na inauguração da *Exposición Archivos 1971-2002*, no Museu de Arte Rainha Sofia, Espanha, 2002.
15. VATTIMO, G. “Il Nietzsche ‘italiano’”. In: *Dialogo con Nietzsche, Saggi 1961-2000*. Milão: Garzanti, 2000.

